

1

Deslocando-se por Muswell Hill na sua bicicleta com quadro em aço de carbono, as mãos pousadas levemente sobre o guiador feito em mistura de alumínio, Dennis Cradle sente uma exaustão prazerosa. A viagem do escritório até à sua casa no norte de Londres é um tanto longa, mas fê-la em tempo razoável. É algo que hesitaria contar aos seus familiares, mas Dennis vê-se como um defensor de certos valores. O percurso árduo pela cidade satisfaz o espartano que tem em si. O ciclismo mantém-no esguio e arguto e, conseqüentemente, com um aspeto bastante *sportif* nos seus calções de licra apertados e *jersey* em tecido elástico, tendo em conta os 48 anos que se lhe avizinham.

Enquanto diretor da Divisão D4 do MI5, responsável pelas iniciativas de contraespionagem contra a Rússia e a China, Dennis alcançou um nível de senioridade que lhe permite, se assim o desejar, ser acompanhado até casa por um motorista ao volante de um dos veículos anónimos de gama média da frota do Serviço. Uma oferta tentadora, por certo, no que toca às aparências, mas um caminho perigoso. Uma vez perdida a boa forma física e lá se

vai tudo. Sem dar por isso, acabaria por se tornar num daqueles velhos barrigudos e desgrenhados que financiam o bar de Thames House de uísque *Laprohaig* na mão e queixumes nos lábios sobre como tudo era melhor antes de as mulheres obstinadas terem usurpado os Recursos Humanos.

O ciclismo mantém Dennis cuidadoso. Mantém-no atento a tudo o que se passa e o sangue a correr-lhe veloz nas veias. Que era exatamente onde precisava dele, tendo em conta a libido desenfreada de Gabi. Meu Deus, o que daria para ir ao encontro dela em casa e não ao encontro de Penny, com o corpo drenado pela dieta e a sua incessante tendência para criticar.

Como que um sinal, ao deslizar os últimos cem metros, o tema *Eye of the Tiger*, do *Rocky III* faz-se ouvir no leitor de áudio *Bluetooth* no seu capacete de ciclismo. Os intensos acordes explodem e o coração de Dennis bate síncrono. No seu pensamento, Gabi espera por Dennis numa cama *king size* no camarote principal de um super-iate. Está nua, exceto um par de meias de cano alto, brancas e felpudas, e tem as pernas tonificadas pelo ginásio apartadas em jeito de convite.

Foi então que, vinda do nada, uma mão sólida como aço lhe agarrou no braço e o arrancou da bicicleta, que derrapou chão afora. Dennis abriu a boca para falar, mas foi silenciado por um soco violento no estômago.

— Desculpe, amigo, mas preciso da sua atenção — o captor de Dennis tem por volta de 40 anos, com feições semelhantes a um rato bem apumado, e cheira a fumo de cigarro bafiento. Com a mão livre, remove o capacete de ciclismo de Dennis e deixa-o cair em cima da bicicleta tombada. Dennis contorce-se, mas o aperto no seu braço é inquebrável.

— Fique quieto, sim? Não quero magoá-lo.

Dennis solta um gemido.

— Mas que raio...

— Estou aqui em nome de um amigo que precisa falar consigo. Sobre a Babydoll.

A cor que ainda restava no rosto de Dennis dissipa-se. O olhar esbugalha-se.

— Pegue na bicicleta, coloque-a nas traseiras do veículo. Depois, sente-se no banco da frente. Sem demoras.

O homem liberta Dennis, que olha à sua volta, aturdido, e repara na carrinha *Ford Transit* branca e velha e no jovem de rosto pálido com um *piercing* no lábio sentado ao volante.

Abrindo a porta traseira da carrinha, de mãos trementes, Dennis desliga o sistema de som *Bluetooth* do capacete, que agora toca *Slide It In*, dos Whitesnake. Dennis pendura o capacete no guiador e pouisa a bicicleta dentro da carrinha.

— Telemóvel — pede o Cara de Rato, seguindo a ordem com uma bofetada lancinante que deixa os ouvidos de Dennis a zumbir. De mãos trementes, Dennis entrega-lho. — O. K. Sente-se no pendura.

Enquanto a carrinha se insere no meio do trânsito, Dennis tenta lembrar-se dos protocolos de captura e interrogação do Serviço. Mas e se estes tipos *forem parte* do Serviço e fizerem parte de alguma equipa de investigação interna? Teriam de ter passado pelo DG para que autorizassem uma captura de alguém com o seu posto. Quem *raio* seriam eles? Seriam hostis? Parte da SVR, talvez, ou da CIA? Mantém o silêncio. Enfrenta cada momento conforme acontece. *Não digas nada*.

A viagem não dura nem dez minutos, a carrinha *Transit* a ziguezaguear por entre o trânsito da hora de ponta. Atravessam a North Circula Road e entram no estacionamento de um

hipermercado da Tesco. O condutor escolhe o lugar mais longe da entrada para a loja, estaciona e desliga o motor da carrinha.

Dennis mantém-se imóvel, o rosto da cor de massa crua, o olhar fixo através do para-brisas na vedação à sua frente. Uma tênue névoa de combustível ergue-se do trânsito da North Circular.

— E agora? — pergunta.

— Agora, esperamos — responde-lhe a voz do Cara de Rato atrás dele.

Passam-se minutos até que toca um telemóvel. Grotescamente, é o som do riso de um pato.

— Para si, amigo.

Do banco de trás, o Cara de Rato passa-lhe um telemóvel de plástico barato.

— Dennis Cradle? — a voz é baixa, um som eletrónico vibrante e metálico. Um modulador de voz, apercebe-se subconscientemente.

— Quem fala?

— Não é necessário que saiba. O que precisa de saber é aquilo que nós sabemos. Começemos pelas boas notícias, pode ser? Em troca de trair o Serviço, acaba de aceitar a grande parte de quinze milhões de libras, guardadas numa conta *offshore* nas Ilhas Virgens Britânicas. Algum comentário a fazer sobre isto?

O mundo de Dennis retrai-se até ao para-brisas à sua frente. O coração parece ter sido envolto em gelo. Não consegue pensar, quanto mais falar.

— Bem nos parecia. Continuemos, então. Sabemos que, no início do ano, adquiriu um apartamento de três quartos num edifício chamado Les Asphodèles, em Cap D'Antibes na Riviera Francesa, e que, no mês passado, comprou um iate a motor de quase treze metros chamado *Babydoll*, de momento atracado na

marina de Port Vauban. Também sabemos da sua associação com a menina Gabriela Vukovic, 28 anos, atualmente empregada no clube de *fitness* e *spa* do Hotel du Littoral.

» Correntemente, nem o MI5 nem a sua família têm qualquer conhecimento sobre isto. Nem a Polícia Metropolitana nem a Inland Revenue. Se quiser que tudo se mantenha assim, está nas suas mãos. Se quiser que mantenhamos o silêncio (se quiser manter a sua liberdade, o seu emprego e a sua reputação) terá de nos contar tudo, e quero mesmo dizer *tudo*, sobre a organização que lhe tem estado a pagar. Se deixar algo por contar, o mais pequeno facto, e vai passar o próximo quarto de século numa cela da prisão de Belmarsh. A não ser que morra primeiro, claro está. O que me diz?

O zumbido indistinto do tráfego. Algures, ao longe, o alarme de uma ambulância.

— Quem quer que sejas, quero que te vás foder — atira Dennis, a voz grave e vacilante. — Agressão e rapto são crimes. Estou-me a cagar para aquilo que tiveres a dizer.

— Ah, mas eis o problema, Dennis — continua a voz metálica. — Ou talvez deva dizer, eis o *seu* problema. Se enviarmos estas informações para Thames House e houver uma investigação e acusação, e todo esse tipo de coisas, vão presumir que falou connosco, e as pessoas que lhe estão a pagar todo aquele dinheiro, e quinze milhões é *muito dinheiro*, vão ver-se forçadas a fazer de si um exemplo. Vão tratar de si, Dennis, e não vai ser nada bonito. Sabe bem como eles são. Na verdade, não tem qualquer escolha, aqui. Não há *bluff* que o salve.

— Não fazes ideia do que estás a falar, pois não? Posso ter escondido algumas coisas da minha mulher e dos meus patrões, mas ter um caso amoroso não é crime, ou não o era da última vez que vi.

— Não é, não. Mas traição é, e vai ser essa a sua acusação.

— Não tens quaisquer provas para me acusar de tal coisa e sabes bem disso. Isto não passa de uma péssima tentativa de chantagem. Por isso, quem quer que sejas, como já disse, vai-te foder.

— O. K., Dennis, vou explicar-lhe o que vai acontecer. Dentro de cinco minutos, vai sair dessa carrinha e regressar a casa na sua bicicleta. Aconselhava-o a comprar algumas flores para a sua esposa. Tem umas a um preço razoável na estação de serviço. Amanhã de manhã, um carro irá buscá-lo a casa às sete da manhã e levá-lo até à Estação de Investigação de Dever em Hampshire. O seu delegado em Thames House foi informado de que irá passar os três próximos dias lá, num seminário sobre contraterrorismo. Durante esse tempo, também irá, numa outra parte da estação, ser interrogado sobre os assuntos de que falámos. Mais ninguém lá terá conhecimento disto e não haverá qualquer indício de que esta atividade esteja a interromper as suas tarefas. Dever, como decerto sabe, está listada como um ativo secreto do governo, e é totalmente segura. Se a conversa correr bem, como acredito que venha a correr, poderá sair em liberdade.

— E se disser que não?

— Dennis, não vamos sequer começar a considerar o que acontece se disser que não. A sério. Seria uma autêntica tempestade de merda. Penny, para começar. Consegue imaginar? E as crianças. O pai acusado de traição? Não entremos por aí, O. K.?

Um longo silêncio.

— Disseste às sete da manhã?

— Exato. Mais tarde e o trânsito torna-se impossível.

O olhar de Dennis prende-se no crepúsculo enevoadado.

— O. K. — responde.

* * *

Pousando o telemóvel na secretária, Eve Polastri exala e cerra os olhos. A personagem dura e autoritária que estava a fingir ser para Dennis Cradle em nada tem a ver com Eve. Se fosse cara a cara, nunca teria conseguido manter o tom jocoso, até porque Dennis estivera incomensuravelmente acima dela na hierarquia quando Eve trabalhara no MI5. Mas aquele último «O. K.» tinha atestado a sua culpa, e se não havia dúvida da sua surpresa quando ela amanhã aparecesse à sua frente, isso era algo com que Eve saberia lidar.

— Excelente trabalho — congratula Richard Edwards, removendo os auscultadores através dos quais estivera a ouvir a conversa entre Dennis e Eve e recostando-se na cadeira menos desconfortável que havia no escritório em Goodge Street.

— Foi um esforço de equipa — esclarece Eve. — Lance deixou-o assustado como tudo e Billy conduziu que nem um anjo.

Richard aquiesce. Diretor da divisão do MI6 na Rússia, Richard é, tecnicamente, o patrão de Eve, embora seja um visitante pouco frequente do escritório e o nome de Eve não esteja contemplado em qualquer lista de pessoal oficial dos Serviços de Segurança.

— Vamos deixá-lo dormir sobre a sua situação esta noite, com sorte na companhia da mulher implicante — diz Richard. — Amanhã logo tratamos de o comer vivo.

— Acha que estará lá às sete? Haverá risco de que fuja durante a noite?

— Não. Dennis Cradle pode ser um traidor, mas não é idiota. Se fugir, está terminado. Somos a única oportunidade dele e Dennis sabe disso.

— Haverá risco de ele...

— De se matar? Dennis? Não, não é esse tipo de pessoa. Conheço-o desde que estudámos em Oxford e é um homem obstinado e atrevido. O tipo que acha que consegue resolver qualquer problema, por mais espinhoso que seja, enquanto bebe uma garrafa de vinho num bom restaurante, de preferência à conta de outra pessoa. Dennis vai contar-nos o que queremos saber e manter-se calado. Porque por mais assustadora que a nossa gente possa ser, os tipos que Dennis acaba de trair são infinitamente mais. Qualquer sugestão da sua traição e eles silenciam-no em três tempos.

— E com afinco.

— Com bastante afinco. Se calhar até enviam a sua amiga para fazê-lo.

Eve sorri e o telemóvel na sua mala vibra. É uma mensagem de texto de Niko a perguntar-lhe quando chegaria a casa. Eve responde «às oito», embora saiba que é mais provável só chegar depois das oito e meia.

Richard olha para lá da janela, a única no escritório e por limpar há muito.

— Sei em que está a pensar, Eve. E a resposta é não.

— Em que estou a pensar?

— Apertar com Cradle, usá-lo como isco. Ver o que morde?

— Não era uma má ideia, de todo.

— Matar alguém é sempre má ideia, confie em mim. E isto não será nada mais do que isso.

— Não se preocupe, vou cingir-me ao plano. Dennis estará de regresso aos braços da encantadora Gabi antes mesmo de Richard conseguir dizer «crise de meia-idade».

* * *

Rinat Yevtukh, líder da rede criminosa Irmandade Dourada, em Odessa, sente-se frustrado. Veneza, haviam-lhe assegurado, era mais do que uma cidade. Era uma das magníficas cidadelas da cultura ocidental, e talvez o destino mais luxuoso do mundo. No entanto, à janela da sua *suite* no Hotel Danieli, vestido com o roupão e chinelos de cortesia, não parecia conseguir sentir nada por aquele lugar.

Em parte, era do *stress*. Raptar o russo em Odessa foi um erro, percebe isso agora. Presumira, e com alguma razão, que tudo se resolveria como era habitual. Umas quantas negociações pela porta do cavalo, uma quantia acordada, e nada de ressentimentos de ambas as partes. Porém, uma lunática pareceu levar tudo a peito, o que deixou Rinat com seis homens e o refém mortos, e a sua casa em Fontanka transformada em queijo suíço. Tinha outras casas, claro, e os homens eram fáceis de substituir. Mas tudo aquilo era trabalho extra e uma pessoa chega a determinada altura da vida que este tipo de coisa começa a pesar nos ombros.

A *suite* Doge no Danieli é tranquilizadamente luxuosa. Querubins alados passeiam por entre nuvens de algodão-doce no fresco do teto, retratos de aristocratas venezianos pontilham as paredes em molduras em ouro de damasco, e carpetes antigas cobrem os chãos. Numa mesa de apoio está uma estatueta multicolorida de um metro, um palhaço lacrimoso comprado numa fábrica de Murano naquela manhã e destinado ao apartamento de Rinat, em Kiev.

Katya Goraya, de 25 anos, modelo de *lingerie* e namorada de Rinat, está esparramada, descalça, sobre uma *chaise-longue* de estilo rococó. Num *crop top* da Dior e numas calças desgastadas da Dussault, Katya mira o telemóvel, masca pastilha e agita a cabeça ao som de uma música de Lady Gaga. Em certas partes,

canta em coro, ou pelo menos tenta, no seu inglês muito limitado e por entre o mastigar da pastilha. Em tempos, Rinat achara aquilo atrativo. Agora, era somente irritante.

— *Bad Romance* — corrige Rinat.

Sem pressas, Katya retira os auriculares, os seus seios dispendiosamente aumentados apertados contra o tecido rendado do *top*.

— *Bad Romance* — repete Rinat. — Não é *bedroom ants*.

Katya fita-o, impassível, e franze o sobrolho.

— Quero voltar à Gucci. Mudei de ideias sobre aquela mala. A rosa, em pele de cobra.

Não há nada no mundo que Rinat deseje menos. Aqueles assistentes de nariz empinado em San Marco. Tudo sorrisos até terem o teu dinheiro no bolso, mas depois não passas de lixo.

— Temos de ir agora, Rinat. Antes que feche.

— Vai tu. Leva Slava contigo.

Katya faz beicinho. Rinat sabe que Katya só quer a sua companhia para que pague pela mala. Se o guarda-costas a levar, sairá da mesada dela. Que é Rinat que lhe dá.

— Queres fazer amor? — Katya lança-lhe um olhar enternecedor. — Quando voltarmos da loja, posso ir-te ao cu com o *strap-on*.

Rinat não dá sinal de a ter ouvido. O que mais deseja é estar longe dali. Perder-se no mundo para lá das cortinas em seda dourada, onde a tarde se derrama pela noite e as gôndolas e os táxis aquáticos desenham linhas pálidas na lagoa.

— Rinat?

Rinat fecha a porta do quarto atrás de si. Demora dez minutos a tomar banho e vestir-se. Quando retorna ao salão, Katya ainda está no mesmo sítio.

— Vais deixar-me aqui? — pergunta Katya, incrédula.

De testa franzida, Rinat mira o seu reflexo num espelho octagonal prateado. Ao fechar a porta atrás de si, ouve o barulho, deveras impressionante, de um palhaço de vidro de vinte quilos de Murano a despedaçar-se no chão de um *terrazzo* antigo.

No bar do último andar do hotel, reina a paz e o sossego. Mais logo, estará apinhado de clientes, mas naquele instante tem apenas dois casais, ambos sentados em silêncio. Prostrando-se no terraço, Rinat inclina-se na sua cadeira e, por entre olhos semi-cerrados, observa o brando subir e descer das gôndolas nos seus ancoradouros. Não tarda, medita Rinat, e será hora de abandonar Odessa. Tirar o seu dinheiro da Ucrânia e levá-lo para uma jurisdição menos volátil. Durante a passada década, o sexo, as drogas e o tráfico humano tinham-se provado os três negócios mais lucrativos, mas com o advento dos gangues turcos, e com os russos sem dar tréguas, o jogo estava a mudar. O homem sábio, afirma Rinat para consigo, sabe quando é tempo de seguir em frente.

Katya tem os olhos postos em Golden Beach, Miami, onde, por menos de doze milhões de dólares, incluindo uns quantos subornos aos Serviços de Imigração e Cidadania dos Estados Unidos, é possível encontrar uma casa de luxo à beira-mar com uma doca privada. Rinat, no entanto, é cada vez mais da opinião de que a vida pode ser muito menos stressante sem Katya e as suas eternas exigências, e há dias que estava a considerar a Europa Ocidental. Itália, em particular, que parece ter uma perspetiva relaxada sobre crimes de torpeza moral. É um lugar com classe — os carros desportivos, as roupas, os edificios degradados — e as italianas eram mulheres inacreditáveis. Até meras empregadas em lojas pareciam estrela de cinema.

Um jovem de semblante solene num fato escuro materializa-se a seu lado, e Rinat pede um uísque de malte.

— Esqueça o pedido. Traga ao cavalheiro um *Negroni Sbagliato*. E um para mim, também.

Rinat volta-se e depara-se com o olhar entretido de uma mulher num vestido de *cocktail* em *chiffon* negro, em pé atrás dele.

— Afinal, está em Veneza.

— Pois estou — concorda Rinat, meio apanhado de surpresa, e acena ao empregado, que se retira em silêncio.

O olhar da mulher prende-se para lá da lagoa, que cintila que nem ouro à luz do entardecer.

— Vê Veneza e podes morrer, é o que dizem.

— Não planeio morrer ainda, e ainda não vi muito de Veneza além do interior das lojas.

— Uma pena, porque as lojas aqui ou estão apinhadas de lixo para turistas ou são iguais às demais em centenas de outras cidades, exceto, talvez, mais caras. Veneza não é o presente, Veneza é o passado.

Rinat fita-a. É belíssima. O olhar âmbar, o sorriso oblíquo, todo o seu aspeto engenhosamente caro. Tardiamente, lembra-se de lhe oferecer uma cadeira.

— *Sei gentile*, mas estou a interromper a sua tarde.

— De todo. Estou curioso para provar a bebida. O que era, mesmo?

A mulher senta-se e, ao cruzar as pernas, o tecido dos *collants* roça e emite um som delicado que Rinat não deixa de apreciar.

— Um *Negroni Sbagliato*. É um *Negroni*, mas com um vinho espumante em vez de gin. Aqui no Danieli, *naturalmente*, fazem-no com champanhe. Na minha opinião, a bebida perfeita para um pôr do sol.

— Melhor do que um uísque de malte?

Um ténue sorriso.

— Acredito que sim.

E era verdade. À primeira vista, Rinat não é um homem esbelto. A sua cabeça rapada fá-lo parecer uma batata da Crimeia e o fato de seda feito à medida não consegue esconder o brutamontes que está por baixo. Contudo, a riqueza, qualquer que seja a sua origem, tem um certo modo de comandar a atenção, e Rinat está bastante habituado à companhia de mulheres desejáveis. E se Marina Falieri, nome que descobriria pouco depois, era algo, era desejável.

Rinat é incapaz de afastar o olhar dos lábios dela. Tem uma ligeira cicatriz na curva do lábio superior, e a assimetria que dela resulta concede ao seu sorriso uma qualidade inquestionável. A vulnerabilidade atrai, de uma forma discreta, mas insistente, o predador que há nele. Marina mostra-se lisonjeiramente interessada em tudo o que tem a dizer e, como resultado, Rinat dá por si sem travões na língua. Conta-lhe sobre Odessa, sobre a histórica Catedral da Transfiguração, onde é devoto regular, e sobre o magnífico Teatro de Ópera e Bailado, ao qual, sendo Rinat um apaixonado patrono das artes, já contribuiu com milhões de rublos. A narrativa que conta sobre si é, na sua essência, ficcional, mas extrema e convincentemente detalhada, e os olhos de Marina brilham ao ouvi-lo. Até o consegue convencer a ensinar-lhe algumas expressões em russo, que Marina repete com uma imprecisão encantadora.

E eis que, demasiado cedo, a tarde termina. Marina foi convidada para um jantar em Sant'Angelo, explica em jeito de desculpa. Vai ser aborrecido e Marina desejava poder ficar, mas faz parte do comité diretor da Bienal de Veneza e...

— *Per favore, Marina. Capisco* — diz Rinat, vertendo todo o italiano do seu conhecimento com o que espera ser um sorriso galante.

— O seu sotaque, Rinat. *Perfezione!* — elogia Marina, e detém-se, um esgar conspiratório nos lábios. — Por sorte, não estará livre para almoçar amanhã?

— Por sorte, até estou.

— Excelente. Encontramo-nos às onze junto à entrada do hotel que dá para o rio. Será meu prazer mostrar-lhe um pouco do que é a... *verdadeira* Veneza.

Levantam-se, e Marina afasta-se. Quatro copos de *cocktail* vazios ficam em cima de pano de linho branco, três dele, um dela. O sol encontra-se baixo no céu, meio obscurecido pelas nuvens delgadas e sedosas de um rosa cor de ostra. Rinat gira nos calcanhares para chamar o empregado, mas já ali está, tão paciente e discreto como um agente funerário.

No autocarro, que avança a passo de caracol pela Tottenham Court Road acima, a única pessoa que digna um segundo olhar a Eve é um homem claramente alterado que lhe pisca um olho uma e outra vez. A noite está quente e o interior do autocarro cheira a cabelos suados e desodorizante bafiento. Eve abre o *Evening Standard*, folheia pelas páginas de notícias e as descrições de festas e o adultério em série que há em Primrose Hill, e encontra um lugar agradável na secção dos imóveis.

Não há dúvida de que Eve e Niko nunca conseguiriam pagar por qualquer um dos espaços tão sedutoramente ali dispostos. Todas aquelas unidades industriais e armazéns vitorianos transformados em apartamentos fabulosos e repletos de luz. Todas aquelas vistas panorâmicas para o rio, emolduradas por aço

e vidro laminado. Na realidade, Eve nem as ambiciona. Sente-se fascinada por elas porque estão desertas e parecem um conto de fadas. Porque servem como panos de fundo imaginados de outras vidas que Eve poderia ter vivido.

Pouco passa das oito e quarenta e cinco quando Eve chega ao T1 que aluga com Niko, avançando por entre a acumulação de calçado, acessórios de bicicleta, encomendas da Amazon e casacos caídos, seguindo o odor que vem da cozinha. A mesa, na qual se encontra uma pilha instável de manuais de matemática e uma garrafa de Rioja do supermercado, está posta para dois. Um ruído sibilante e um assobiar desafinado informam-na que Niko está a tomar um duche.

— Desculpa o atraso — pede Eve num tom alto. — Cheira mesmo bem. O que é?

— Gulache. Podes abrir o vinho?

Eve acaba de tirar o saca-rolhas da gaveta quando escuta um estalido incessante vindo do chão, atrás dela. Ao voltar-se, depara-se com duas formas animais a cruzar os ares e aterrar mesmo em cima da mesa, derrubando a pilha de manuais. Durante um segundo, Eve está demasiado chocada para se mexer. O Rioja rebola pela mesa e estilhaça-se no chão. Dois pares de olhos verde-acinzentados fitam-na, curiosos.

— *Niko*.

Niko sai da casa de banho, descontraído, ainda molhado, uma toalha à volta da cintura, chinelos nos pés.

— Meu amor, vejo que já conhecestes Thelma e Louise.

Eve fita-o. Quando Niko salta por cima do lago de Rioja e a beija, Eve não se move.

— Louise é a mais desajeitada. Deve ter sido ela...

— Niko. Antes que eu te *mate*...

— São cabras anãs da Nigéria, e tu e eu nunca mais vamos precisar de comprar leite, natas, queijo ou sabonete.

— Niko, ouve-me bem. Vou até à loja, porque tive um dia de merda e todo o álcool que temos nesta casa está no chão. Quando regressar, quero sentar-me para comer o teu gulache, beber uma bela garrafa de vinho, talvez duas, e relaxar. Não vamos sequer falar sobre aqueles animais em cima da mesa, porque quando eu regressar, eles não vão cá estar e vai ser como se nunca tivessem existido, O. K.?

— O. K....

— Perfeito. Volto em dez minutos.

Quando Eve regressa com duas garrafas de Rioja, a cozinha já sofreu uma limpeza superficial, mas suficiente, não havia cabras à vista e Niko estava completamente vestido. Com um simultâneo elevar e afundar do coração, Eve sente o odor a *Acqua di Parma* e repara que Niko tem vestidas as suas calças de ganga da Diesel. Embora nunca tivessem tocado no assunto, Eve sabia que quando Niko vestia aquelas calças de ganga e punha aquela água-de-colónia após as seis da tarde, era sinal de que estava romanticamente disposto e que esperava que a noite acabasse com eles a fazer amor.

Eve não tinha um equivalente às calças de ganga de sexo de Niko, como lhes chamava. Não tinha vestidos ou sapatos atrevidos que deixassem óbvia a sua intenção, nenhuma *lingerie* de renda e cetim. O seu roupeiro de trabalho era anónimo e utilitário, e Eve sentia-se pateta e constrangida se usasse qualquer outra coisa. Niko dizia-lhe regularmente que era bonita, mas Eve não acreditava. Eve aceitava que Niko a amava —dizia-o com tanta frequência que tinha de ser verdade —, embora o motivo desse amor fosse um autêntico mistério para Eve.

Conversam sobre o trabalho dele. Niko é professor numa escola local e tem uma teoria de que os adolescentes menos economicamente estáveis, que fazem todas as suas compras com dinheiro, têm uma capacidade aritmética mental muito superior àqueles que usam cartões de crédito.

— Chamam-me Borat — conta Niko. — Achas que é um elogio?

— Alto, com sotaque da Europa do Leste, um bigode... era inevitável. Mas és fantástico com eles, sabes bem disso.

— São bons miúdos. Gosto deles. Como foi o teu dia?

— Estranho. Telefonei para alguém com um modelador de voz.

— Para disfarçar a tua voz ou apenas por diversão?

— Para disfarçar. Não quis que soubesse que era mulher. Quis soar ao Darth Vader.

— Nem vou começar a tentar imaginar como foi... — Niko mira-a. — Acho que ias gostar das pequenas. A sério.

— Que pequenas?

— Thelma e Louise. As cabras. São muito meigas.

Eve cerra os olhos.

— Onde as meteste?

— Na sua casinha. Lá fora.

— Têm uma casa?

— Veio tudo junto.

— Então, compraste-as mesmo? São permanentes?

— Meu amor, eu fiz as contas. As anãs nigerianas dão o leite mais rico de todas as raças e só pesam cerca de trinta e quatro quilos depois de crescidas, ou seja, são das que comem menos feno. Vamos ser completamente autossuficientes em produtos lácteos.

— Niko, vivemos na ponta de Finchley Road, não em Cotswolds.

— Além disso, as anãs nigerianas são...

— Podes não lhes chamar isso? São cabras, só isso. E se acreditadas que me vou levantar todas as manhãs, ou qualquer manhã, para tua informação, para ordenhar um par de cabras, deves estar louco.

Em resposta, Niko levanta-se da mesa e afasta-se até à pequena área pavimentada a que chamam de jardim. Um instante depois, Thelma e Louise surgem alegres e saltitantes cozinha adentro.

— Ó, por Deus — suspira Eve, servindo-se do vinho.

Depois da refeição, Niko lava a louça e, em seguida, dá um salto à casa de banho para recolocar a *Acqua di Parma*, lavar as mãos e passar os dedos pelo cabelo. Quando regressa, Eve já dorme um sono profundo no sofá, uma colher numa mão e uma embalagem de gelado a pender da outra. Thelma está deitada com satisfação a seu lado e Louise tem as patas dianteiras em cima do sofá, a língua comprida e rosada à procura dos últimos restos de pepitas de chocolate.

Rinat Yevtukh vestiu-se com cuidado para o encontro da manhã. Após momentos de reflexão, decidiu-se por um polo *Versace*, calções em seda crua e mocassins *Santoni* em pele de avestruz. Um *Rolex Submariner* em ouro maciço remata a impressão de um homem que exsuda bom gosto, mas o qual ninguém se atreve a incomodar.

Marina Falieri deixa-o trinta minutos à espera por baixo da cobertura em aço da entrada do Danieli que dá para o rio. Dois guarda-costas em fatos justos fazem uma guarda relaxada atrás dele, os olhares aborrecidos perdidos sobre o canal estreito. O humor vingativo de Katya não se abateu, mas foi atenuado com

a promessa de várias fotografias para a *Playboy* russa, talvez até mesmo a capa. Não que Rinat tivesse poder para conseguir qualquer uma das duas coisas, mas lidará com esse problema quando for o momento. Entretanto, Katya está bem acomodada no salão de cabeleireiro do hotel, a passar por um tratamento revitalizante que envolve essência de trufa e diamantes pulverizados.

Pouco após as onze e trinta, uma lancha *motoscafo* branca e elegante desliza por baixo da ponte balaustrada baixa e acerca-se do cais do hotel. Marina toma conta do leme numa *t-shirt* às riscas e calças de ganga, o cabelo escuro oscilante em torno dos ombros. Nas suas mãos — e Rinat acha aquilo inexplicavelmente sensual —, umas luvas de condução em pele.

— Então — inicia Marina, e levanta os óculos de sol. — Pronto para ver *la vera Venezia*?

— Prontíssimo.

Avançando pela coberta de popa em mogno envernizado com os seus novos mocassins, Rinat cambaleia por um instante. Como reflexo, os guarda-costas avançam, mas Rinat salta para a cabina, para junto de Marina, pousando uma mão no seu ombro para se equilibrar.

— Desculpe.

— Sem problema. Os rapazes estão consigo?

— Fazem parte da minha equipa de segurança, sim.

— Garanto-lhe que estará em segurança comigo — Marina sorri. — Mas se quiser que venham connosco, não há problema.

— Claro que não — Rinat dirige-se aos dois homens num idioma russo apressado, indica-lhes para vigiarem Katya e dizerem-lhe que Rinat foi almoçar com um parceiro de negócio. Um homem, claro. Não esta *devushka*.

Os homens esboçam um sorriso malicioso e afastam-se.

— Tenho mesmo de aprender russo — comenta Marina, manobrando a lancha por baixo da ponte. — Parece ser um idioma tão expressivo.

Com destreza, ziguezagueia por entre as gondolas e o restante tráfego no rio, e navega um curso desapressado para lá da ilha de San Giorgio Maggiore e da curva leste do Giudecca. Enquanto o *motoscafo* rasga a superfície imperturbada da lagoa, o seu motor de cento e cinquenta cavalos a deixar um rasto pálido atrás deles, Marina conta a Rinat sobre os palácios e as igrejas por onde passam.

— Onde vive, exatamente? — pergunta-lhe Rinat.

— A minha família tem um apartamento junto ao Palazzo Cicogna — explica Marina. — Os Falieri são originários de Veneza, mas a nossa residência principal encontra-se agora em Milão.

Rinat mira-lhe a mão esquerda enluvada, apertada ao de leve à volta da roda do leme.

— Não é casada?

— Gostei de uma pessoa, mas morreu.

— Lamento imenso. As minhas condolências.

— Foi muito triste — admite Marina, deixando a lancha acelerar. — Estive presente quando faleceu. Fiquei devastada. Mas a vida continua.

— Nada é tão verdade.

Marina volta-se para Rinat e levanta os óculos de sol. Durante um instante, Rinat vê-se perdido no seu olhar âmbar.

— Se olhar para trás, vai encontrar uma geladeira com um misturador e uns copos. Porque não prepara uma bebida para si?

Rinat encontra o misturador gelado e um copo alto.

— Posso preparar uma para si?

— Eu espero até chegarmos à ilha. Sirva-se à vontade.

Rinat verte a bebida, dá um gole e anui apreciativamente.

— Isto é... muito bom.

— É um *cocktail limoncello*. Perfeito, digo sempre, para uma manhã como esta.

— É delicioso. Conte-me mais sobre esta ilha que vamos visitar.

— Chama-se Ottagone Falieri. Outrora, foi uma fortificação construída para proteger Veneza de invasores. Um dos meus antepassados comprou-a no século XIX. Ainda nos pertence, embora ninguém lá vá e esteja quase toda em ruínas.

— Soa-me a um lugar muito romântico.

— Veremos — diz Marina por entre um sorriso velado. — Sem dúvida, é um lugar interessante.

Avançam pelas águas a um ritmo constante. O Giudecca já está muito para trás deles. Em frente, Rinat só vê águas verde-acinzentadas. O *limoncello* atravessa-lhe as veias a uma velocidade glacial. Sente-se, pela primeira vez desde que se lembra, em paz.

A fortificação aproxima-se, muito de repente, rompendo o nevoeiro. Paredes de pedra talhada e, acima delas, umas quantas copas de árvores. Em instantes, um cais mostra-se-lhes visível. Atracado no cais está outra lancha a motor, mais pequena, com um casco pintado a preto.

— Temos companhia.

— Pedi que viessem antes de nós com a lancha — explica Marina, como se fosse a coisa mais natural deste mundo.

Rinat aquiesce. Mas é claro. Tudo naquela mulher o encanta e impressiona. A sua beleza incomum, que teve oportunidade de analisar por perto naquelas últimas horas. A sua tranquila familiaridade com a riqueza. Uma riqueza antiga, do tipo que não sente

necessidade de se pavonear, mas que, mesmo assim, marca a sua presença com uma força inquestionável. Não basta ser rico, Rinat bem sabe. É preciso conhecer as pessoas, saber reconhecer os sinais secretos através dos quais os privilegiados se reconhecem. Privilegiados como Marina Falieri.

Katya, é cada vez mais óbvio, não pode continuar com Rinat.

Marina amarra o *motoscafo* e, ao cruzarem o cais de madeira tingido pelo sol, Rinat apercebe-se de um ligeiro tinido. A parede tem degraus embutidos e, no cimo, está um recinto octagonal, talvez cem metros de ponta a ponta. Numa das extremidades, as ruínas de um edifício em tijolos e telhas, obscurecido por pinheiros anões. No restante espaço, vegetação definhada e irregular, interrompida por um carreiro. Na ponta mais longínqua do recinto, uma jovem mulher musculada de cabelos curtos empunha uma picareta, tacando o chão de pedra num ritmo constante. Com um top de biquíni, calções militares e botas de combate, mostra-se uma figura insólita. Rinat observa a mulher, que se volta na sua direção, cruza o seu olhar por um mero instante, deixa cair a picareta e afasta-se languidamente em direção ao edifício delapidado.

Ignorando-a, Marina leva Rinat até uma mesa coberta por uma toalha branca, mesmo no centro do recinto. De cada lado da mesa, uma cadeira de jardim em ferro.

— Sentamo-nos? — pergunta Marina.

Sentam-se. Para lá das paredes de pedra não há terra à vista, somente a tranquilidade vasta da lagoa. Atrás dele, Rinat escuta o retinir de uma bandeja. É a mulher da picareta, que regressa com vinho gelado e água mineral, *antipasti* e uns bolinhos requintados. Uma ténue camada de suor cobre-lhe o corpo musculado, e a barriga das pernas e as botas estão cobertas de poeira.

Marina ignora-a, sorrindo para Rinat.

— Por favor. *Buon appetito*.

Rinat tenta engolir uma garfada de mortadela, mas repara que todo o seu apetite se desvaneceu, que até se sente um pouco nauseado. Força-se a mastigar e engolir. Passado um breve instante, o tilintar da picareta recomeça.

— Que faz ela, mesmo? — a própria voz soa-lhe distante, para lá do se corpo.

— Oh, é apenas jardinagem. Gosto de a manter ocupada. Mas deixe-me servir-lhe um pouco deste vinho. É um *Bianco di Custoza* local, garanto que vai gostar.

Vinho, local ou não, é a última coisa que apetece a Rinat, mas as boas maneiras obrigam-no a oferecer-lhe o seu copo. Mal consegue segurá-lo enquanto Marina verte o líquido. Suor escorre-lhe do rosto e costas, o horizonte vacila e parece fugir-lhe. Uma parte de si, ainda desperta e observante, repara que o tilintar da picareta foi substituído por um baque compassado de uma pá. Tenta beber um gole de água mineral, mas engasga-se e vomita todo o vinho e mortadela em cima da mesa.

— Estou... — começa, mas perde as forças, caindo para trás na cadeira. O coração dispara, sente um formigueiro abrasador nos braços e no peito, como se formigas do fogo lhe percorressem o corpo por dentro da pele. Leva as mãos ao peito, o pânico em crescendo.

— Aquilo que sente chama-se parestesia — explica Marina em russo, bebericando o vinho. — É um sintoma de envenenamento por aconitina.

Rinat fita-a, os olhos esbugalhados.

— Estava no *limoncello*. Em menos de uma hora, estará morto de ataque cardíaco ou paragem respiratória. Pela sua cara neste momento, diria que vai ser do coração. Até lá, vai passar por...

Torcendo-se compulsivamente na cadeira de ferro, Rinat vomita uma segunda vez, esvazia os intestinos, com um barulho manifesto, nos seus calções de seda brancos.

— Exatamente. Quanto ao resto, não lhe vou estragar a surpresa — Marina gira nos calcanhares e acena para a outra mulher. — Lara, *detka*, chega aqui.

Lara pousa a pá no chão e aproxima-se sem pressas.

— Já estou quase a acabar de cavar aquela campa — avisa, e depois de alguma consideração escolhe um dos bolinhos da caixa. — Meus Deus, *kotik*, são mesmo bons.

— Não são maravilhosos? Comprei-os naquela *pasticceria* em San Marco onde provámos aquele bolo de creme.

— Temos de lá voltar — sugere Lara, olhando de relance para Rinat, que caiu da cadeira e se convulsiona no chão, moscas varejeiras a zumbir junto aos seus calções sujos. — Quanto tempo até estar mesmo morto?

Marina torce o nariz.

— Talvez meia hora? Mal posso esperar por metê-lo a sete palmos. Aquele cheiro está a tirar-me todo o apetite.

— É realmente um fedor.

— Por outro lado, podemos salvar-lhe a vida se nos contar o que queremos saber. Tenho um antídoto para a aconitina.

— *Pozhaluysta* — murmura Rinat, o olhar esbugalhado, o rosto traçado por lágrimas e vômito. — Por favor. Tudo o que quiser.

— Sabes o que gostava mesmo de saber? — começa Lara, pensativa, escolhendo outro bolo. — Tenho uma música na minha cabeça e estou a dar em louca. *Dada da dadadada...*

— *Posledniy raz* — murmura Rinat, contorcendo-se na posição fetal.

— Oh, meu Deus, essa mesmo. Que vergonha. A minha mãe costumava cantar essa canção. Aposto que a tua também o fazia, *detka*.

— Na verdade, não havia muito sobre o qual pudesse cantar, salvo se contar com o cancro terminal — arremata Marina, e a ponta da sua língua passa pela cicatriz no lábio superior. — Mas estamos a desperdiçar os últimos minutos de vida de Rinat — Marina agacha-se, posiciona-se diretamente à frente dele. — O que preciso de si, *ublyudok*, são respostas, e preciso delas rápido. Uma mentira, o raio de uma hesitação, e pode cagar-se até à morte.

— A verdade. Prometo.

— Muito bem. O homem que raptou em Odessa. Porque o fez?

— Foram ordens do SVR, o serviço secreto de...

— Eu sei o que raio é o SVR. Porquê?

— Chamaram-me para um dos seus centros. Disseram... — Rinat é assolado por mais um espasmo e uma bolha de baba amarelada forma-se nos seus lábios.

— O tempo está a acabar, Rinat. O que lhe contaram?

— Para... raptar o homem... Konstantin. Levá-lo até à quinta em Fontanka.

— O que o levou a fazer o que lhe pediram?

— Porque eles... Ó, meu Deus, *por favor*...

Rinat arranha os braços e o peito, o assalto da parestesia redobrado.

— Porque eles?

— Eles... sabiam coisas. Sobre *Zolotoye Bratstvo*, a Irmandade Dourada. Que tínhamos enviado raparigas da Ucrânia para a Turquia, Hungria, Chéquia, como prostitutas. Fizeram

interrogatórios, tinham documentos, podiam ter-me destruído. Tudo aquilo que...

— E o SVR interrogou este homem, Konstantin, na sua casa em Fontanka? — interrompeu Marina.

— Sim.

— Encontraram as respostas que procuravam?

— Não sei. Questionaram-no, mas... Ó, Deus...

Vomita, cospe bÍlis, e a sua bexiga esvazia-se. O cheiro intensifica-se, acompanhado de ainda mais moscas varejeiras. Do outro lado da mesa, Lara serve-se de um terceiro bolinho.

— Eles...

— Mantiveram-me afastado. A única coisa que ouvi foi uma das perguntas que lhe gritavam. «Quem são os *Dvenadtsat*, os Doze?»

— E Konstantin contou-lhes?

— Não sei, eles... deixaram-no num estado lastimável.

— Mas Konstantin falou ou não?

— Não sei. Perguntaram a mesma coisa, uma e outra vez.

— Então quem, ou o *quê*, são os Doze?

— Não sei. Juro.

— *Govno*. Tretas.

Rinat volta a vomitar, lágrimas escorrem-lhe pelo rosto.

— *Por favor...* — implora Rinat.

— Por favor, o *quê*?

— Disse que...

— Eu sei o que disse, *mudak* — corta Marina. — Diga-me quem são os Doze.

— Não ouvi nada mais do que rumores.

— Estou a ouvir.

— É suposto serem uma espécie de... organização secreta. Muito poderosa, implacável. Juro que é tudo o que sei.

— O que querem eles?

— Como raio posso saber isso?

Marina anui, pensativa.

— Que idade tinham essas raparigas? Aquelas que a Irmandade Dourada enviou para a Europa?

— Dezasseis, no mínimo. Porque não...

— Não enviam crianças? Achas-te o quê, feminista?

Rinat abre a boca para responder, mas convulsiona, as costas num arco que lhe dá o aspeto de uma aranha, suportado apenas pelas mãos e pés. Um pé assenta-se-lhe no peito, força-o dolorosamente para baixo, até ao chão, e a mulher que se diz chamar Marina Falieri puxa da sua peruca de cabelos negros e retira as lentes de contacto âmbar.

— Queima-as — Marina ordena Lara.

Fora do seu disfarce, tem uma aparência completamente diferente. Cabelo louro escuro e uns olhos cinzentos-claros de um vazio sem fim. Para não falar da pistola automática CZ com silenciador que empunha. Rinat sabe que é o seu fim, e aquele discernimento consegue, de alguma forma, aliviar-lhe parte da dor.

— Quem é você? — sussurra. — Mas quem raio é você?

— O meu nome é Villanelle — responde a mulher, e aponta a arma ao coração de Rinat. — E mato para os Doze.

Rinat fita-a e Villanelle dispara duas vezes. No ar opressivo do meio-dia, os disparos suprimidos soam ao estalar de madeira morta.

* * *

Não demora muito para levar o corpo de Rinat para a campa preparada e enterrá-lo. É uma tarefa calorosa e desconfortável que Villanelle deixa para Lara. Entretanto, Villanelle leva a mesa, as cadeiras e o que resta do almoço para o *motoscafo*. Quando regressa, traz consigo uma lata de combustível. Despe a *t-shirt* e as calças de ganga, ensopa-as em gasolina e atira-as para as chamas da fogueira que Lara fez, em cima dos restos ardentes da peruca.

Quando Lara termina de enterrar Rinat, Villanelle ordena que dispa os calções e o top de biquíni. Toda aquela limpeza demora perto de uma hora, após a qual as roupas foram queimadas, as cinzas espalhadas, e todos os botões, tachões e balas atirados à lagoa.

— Está um balde no barco — murmura Villanelle, o olhar disperso sobre as águas.

— Para quê?

— Adivinha — desafia Villanelle, gesticulando em direção aos restos pungentes dos fluídos corporais de Rinat.

Quando, por fim, está satisfeita com o aspeto das coisas, ambas se aproximam do cais, mudam de vestes para uma roupa que Lara tinha comprado, desamarram o barco do ancoradouro, e desbravam as águas na direção nordeste. A lagoa de Veneza é pouco profunda, com uma profundidade média de dez metros, mas com declives que podem chegar ao dobro. Não muito longe da ilha de Poveglia, o indicador de profundidade do *motoscafo* avisa que estão a passar por um desses declines, e Villanelle aproveita a oportunidade para atirar borda fora a mesa e cadeiras de metal, a picareta e a pá.

Nos séculos XVIII e XIX, Poveglia foi uma estação de quarantena para as tripulações de navios com peste. No início do século XX, foi lar para uma instituição mental onde, era dito

por venezianos, os doentes eram sujeitos a experiências sinistras. Agora abandonada e com reputação de estar assombrada, a ilha tinha um aspeto desolado e os turistas raramente nela se aventuravam.

Um canal estreito, forrado com folhagem, divide Poveglia em duas. Aqui, fora de vista de qualquer embarcação que passa, as duas mulheres atracam as lanchas. Sob o olhar crítico de Villanelle, Lara limpa todos os cantos do *motoscafo* com um *spray* de eliminação de ADN, retira o bujão de drenagem e junta-se a Villanelle na segunda lancha. Demora vinte minutos até o *motoscafo* se afundar tranquilamente nas águas e encontrar repouso no fundo do canal.

— Hão de a encontrar — diz Villanelle —, mas não de imediato. Devíamos regressar ao hotel. Somos irmãs, não é verdade?

— Sim, disse-lhes que te ia buscar ao aeroporto Marco Polo.

— Não devia trazer bagagem comigo?

— Está dentro do cacifo.

Villanelle inspeciona as malas *Ferragamo* em calfe.

— Quem é suposto sermos?

— Yulia e Alyona Pinchuk, coproprietárias da MySugar-Baby.com, uma agência de encontros com sede em Kiev.

— Perfeito. Qual sou eu?

— Yulia.

Villanelle reclina-se no assento em pele creme da lancha.

— Vamos. Já não temos nada a fazer aqui.

No restaurante do Hotel Excelsior, no Lido, Villanelle e Lara bebericam um champanhe Mercier rosa e debicam *frutti di mare* gelados de uma bandeja de três pisos. A divisão, uma

fantasia mourisca com colunas, em tons de branco e marfim, não chega a estar lotada. A estação está a chegar ao fim e os fãs do verão não se fizeram ficar. Porém, um burburinho animado enche o ar, frequentemente interrompido por risos. Para lá do terraço, indistinta no anoitecer, está a lagoa, a superfície um tom mais escuro do que o céu. Nem a mais ténue sugestão de uma brisa.

— Fizeste um bom trabalho, hoje — elogia Villanelle, pescando um lagostim com o garfo.

Lara leva as costas da mão ao ombro quente de Villanelle.

— Obrigada por me ensinares, *kroshka*. Toda esta experiência de trabalho está a ser imensamente valiosa. Aprendi imenso. A sério.

— Ao menos começaste a vestir-te com algum estilo. Menos *lebiskoye porno*.

Lara sorri. No seu vestido em *chiffon* de seda, com cabelos curtos e braços musculados desnudos, afigura-se uma qualquer mítica deusa da guerra.

— Achas que te enviam para missões a solo em breve? — pergunta Villanelle.

— É possível. O problema está nos idiomas. Parece que ainda falo inglês como uma russa e, por isso, encontraram-me uma posição temporária como *au pair*.

— Em Inglaterra?

— Sim. Um sítio chamado Chipping Norton. Já alguma vez lá foste?

— Não, mas já ouvi falar. É um daqueles subúrbios financiados por dinheiro sujo, como Rublyovka, cheio de donas de casa que snifam cocaína e fodem os seus treinadores de ténis. Vais adorar. O que faz o marido?

— É um *politik*. Membro do Parlamento.

— Sendo esse o caso, vais ter de o levar a lamber-te a rata para *kompromat*.

— Preferia lamber a tua.

— Eu sei, *detka*, mas trabalho é trabalho. Quantos filhos?

— Duas raparigas, gémeas. Quinze anos.

— Bem, tem cuidado. Tenta não lhes bater, ou não lhes bater de formas que deixe marcas. Os ingleses são sensíveis no que toca a isso.

Lara fita a chocha de ostra que tem na mão, deixa cair uma única gota de *Tabasco* na salmoura, observa a pequena convulsão da ostra.

— Queria fazer-te uma pergunta. Sobre hoje.

— O que queres saber?

— Porque tiveste de usar veneno? Tinhas uma arma.

— Achas que bastava ter ameaçado com um tiro se ele não falasse?

— Porque não? Era muito mais fácil.

— Pensa. Recria o cenário na tua mente.

Lara sorve a ostra da concha e contempla o crepúsculo harmonioso.

— Porque seria como um beco sem saída?

— Exatamente. Estes *vory* da velha guarda são duros, até mesmo a ralé como o Yevtukh. No seu mundo, a reputação é tudo. Podes ameaçar matá-lo se não falar, mas ele depois diz para te ires foder e como é? Se o matares, não sabes a sua história.

— E disparar numa mão ou pé, num lugar extremamente doloroso, mas que não seja letal, e dizer-lhe que disparas de novo se ele não falar?

— Isso é inteligente, mas se estiveres à procura da verdade, não queres o teu alvo em choque após um ferimento desses. A lógica do jogo do veneno-antídoto é que colocas o jogo nas mãos dele. É ele que tem de tomar a decisão difícil, não tu. Pode ou não acreditar em ti, e, já agora, ficas a saber que não há antídoto conhecido para uma dose letal de aconitina, mas ele sabe que a única hipótese que tem de sobreviver é falando.

— Xeque-mate.

— Sem dúvida. Tem tudo a ver com o sentido de oportunidade. Tens de deixar o veneno agir para que seja este a exercer a pressão e não tu. O resultado é alguém tão desesperado que é incapaz de conter as palavras.

Muito mais tarde, estão deitadas na cama. Uma brisa ténue agita as cortinas.

— Obrigada por não me teres matado hoje — sussurra Lara por entre os cabelos de Villanelle. — Sei que o consideraste.

— Porque dizes isso?

— Porque estou a começar a compreender como trabalhas. Como pensas.

— O que achas disso?

— Imaginemos que matavas Rinat a tiro, depois a mim, e que colocavas os nossos corpos no barco e explodias tudo...

— E depois?

— Depois a polícia investigava a explosão, encontrava dois corpos, Rinat e uma mulher. Quando falassem com os hóspedes do hotel, descobririam que Rinat saíra de barco com uma mulher esta manhã.

— O. K.

— Presumiriam que o meu corpo era o dessa mulher e que tinha acontecido algum acidente fatal.

— E porque teria eu todo este trabalho, *detka*?

— Bom, porque a polícia não procuraria por ti, presumaria que estavas morta. E eu estaria realmente morta. A única pessoa que sabe que outrora foste Oxana Vorontsova de Perm.

— Não te vou matar, Lara. Juro.

— Mas consideraste.

— Talvez por um segundo ou dois — admite Villanelle, voltando-se para encarar Lara. Estão tão próximas que os lábios quase se tocam, conseguem sentir o respirar uma da outra.

— Mas não considere a sério — continua Villanelle. — Em breve vais tornar-te numa soldada de pleno direito para os Doze. Não ficariam nada satisfeitos se eu te explodisse em mil bocados, não achas?

— É o único motivo?

— Hmm... também sentiria falta disto tudo.

Villanelle acaricia a barriga firme de Lara, as pontas dos dedos percorrendo a pele quente.

— És tão bela — louva Lara, após um momento. — Olho para ti e mal consigo acreditar o quão perfeita és. Ainda assim, fazes coisas tão...

— Tão?

— Coisas tão terríveis.

— Tal como tu farás, acredita em mim.

— Sou uma soldada, *kroshka*. Palavras tuas. Fui feita para lutar. Mas tu podias ter tido qualquer vida que quisesses. Podias fugir.

— Não há como fugir disto. E não o quereria fazer. Gosto da vida que levo.

— Então morrerás. Mais cedo ou mais tarde, a inglesa vai encontrar-te.

— Eve Polastri? Quero que me encontre. Quero divertir-me com ela. Quero rebolá-la por baixo da minha pata, como um gato faz a um rato. Quero espicaçá-la com as minhas garras.

— És louca.

— Não sou louca. Gosto de jogar o jogo, e de ganhar. Polastri também gosta de jogar e é isso que gosto nela.

— É a única coisa que gostas nela?

— Não sei. Talvez não.

— Devo ter ciúmes?

— Podes ter, se quiseres. Não me faz qualquer diferença.

Lara alonga o silêncio por um instante.

— Nunca tens dúvidas? Sobre tudo isto?

— Devia ter?

— No momento em que puxas o gatilho, quando o alvo já está morto, mas ainda não o sabe... e também quando fechas os olhos, à noite, e os vês a todos. Todos aqueles que mataste, à tua espera...

Villanelle sorri, beija Lara nos lábios e desliza a mão por entre as suas pernas.

— Eles já cá não estão, *detka*. Nenhum deles ficou — susurra, e os seus dedos iniciam uma dança delicada. — A única pessoa que espera por ti, sou eu.

— Nunca os vês? — pergunta Lara, baixinho.

— Nunca — responde Villanelle, penetrando-a com os dedos.

— Então, tu nunca... sentes nada por eles? — pergunta Lara, movendo-se contra a mão de Villanelle.

— Meu doce, por favor. Cala-me essa boca.

Já estavam quase adormecidas quando, meia hora mais tarde, um telefone vibra em cima da mesa de cabeceira.

Villanelle estica-se por cima de Lara para alcançar o telemóvel.

— O que foi? — pergunta Lara, ensonada.

— Trabalho.

— Só podes estar a gozar comigo.

Villanelle beija-a na ponta do nariz.

— Não há descanso para os ímpios, *detka*. Já devias saber disso.